Globethics Repository



Uma breve genealogia da bioética em companhia de Van Rensselaer Potter [A brief genealogy of bioethics in the company of Van Rensselaer Potter]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository. More information on Globethics see https://www.globethics.net. Data and content policy of Globethics Repository see https://repository.globethics.net/pages/policy.

Item Type	Article
Authors	Schramm, Fermin Roland
Publisher	Centro Universitário São Camilo
Rights	Creative Commons Copyright (CC 2.5)
Download date	2026-11-07 11:42:31
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/214481

Revista BIOETHIKOS - Centro Universitário São Camilo - 2011;5(3):302-308

Uma breve genealogia da bioética em companhia de Van Rensselaer Potter

A brief genealogy of bioethics in the company of Van Rensselaer Potter
Una breve genealogía de la bioética en la compañía de Van Rensselaer Potter

Fermin Roland Schramm*

RESUMO: O artigo objetiva mostrar a atualidade do caminho traçado pelas intuições iniciais de Van Rensselaer Potter acerca da necessidade de ultrapassar as antigas dicotomias disciplinares – a começar por aquela entre as duas culturas representadas pelas ciências e as humanidades – para poder alcançar uma ciência da sobrevivência, representada pela Bioética. Para tanto, propõe-se uma breve genealogia da Bioética a partir da etapa inicial, representada pela imagem "ponte" a ser estabelecida entre as duas culturas até chegar à problemática atual da inter-relação e da globalização dos problemas, inclusive de tipo moral. De fato, muitas das indicações iniciais do autor serão elaboradas posteriormente, apesar de uma inicial convergência da maioria dos bioeticistas sobre o modelo padrão representado pelo principialismo. Dentre tais intuições, destacam-se a preocupação com a interdisciplinaridade, considerada necessária para poder estabelecer um diálogo constante entre o campo das ciências da vida (amplamente entendidas) e as ciências humanas (a começar pela filosofia moral), e a indicação da complexidade do novo campo de saber, em contínua transformação graças à incorporação de novos territórios, como aqueles do trato com animais e o ambiente, mas também aquele representado pelas interfaces entre o uso e abuso de novas tecnologias, e as novas formas assumidas pela moralidade na contemporaneidade.

PALAVRAS-CHAVE: Bioética - história. Ética. Moral.

ABSTRACT: The aim of this article is to show how much beyond his own time was the way traced by the initial intuitions of Van Rensselaer Potter concerning the necessity to go beyond the old disciplinary dichotomies – starting with that relating two cultures represented by the sciences and the humanities – to be able to reach a science of survival represented by Bioethics. For doing this, a brief genealogy of Bioethics since its initial stage is presented, as characterized by the image of bioethics as a "bridge" to be established between these two cultures until arriving at the current set of problems linked to the interrelationship among problems and their globalization, including some moral questions. As a matter of fact, many of the first suggestions of the author would be elaborated later, although there was an initial convergence of most bioethicists on the standard model represented by principlism. Amongst such intuitions, there is a deep emphasis on concern about interdisciplinarity, considered necessary for professionals to be able to establish a constant dialogue between the fields of life sciences (in a broader understanding) and the human sciences (first of all moral philosophy), and the indication of the complexity of the new field of knowledge, in a permanent transformation thanks to the incorporation of new territories, as those of humans relationships with animals and the environment, but also that represented by the interfaces between the use and abuse of new technologies, and the new forms assumed by morality in the contemporary world.

KEYWORDS: Bioethics - history. Ethics. Morale.

RESUMEN: Este artículo intenta demostrar cuánto más allá de su propio tiempo estaban las intuiciones iniciales de Van Rensselaer Potter referentes a la necesidad de ir más allá de las viejas dicotomías disciplinarias – comenzando con la relación entre dos culturas representadas por las ciencias y las humanidades – como para alcanzar una ciencia de la supervivencia representada por la bioética. Como para hacerlo, se presenta una breve genealogía de la bioética desde su etapa inicial, según lo caracterizado por la imagen de la bioética como "puente" que se establecerá entre estas dos culturas hasta que llegue al sistema actual de la problemática vinculada a la correlación entre los problemas y su globalización, incluyendo algunas cuestiones morales. De hecho, muchas de las primeras sugerencias del autor serían elaboradas más adelante, aunque hubiera una convergencia inicial de la mayoría de los bioeticistas en el modelo estándar representado por el principialismo. Entre tales intuiciones, hay un énfasis profundo en la preocupación por el carácter interdisciplinario, considerado necesario para que los profesionales establezcan un diálogo constante entre los campos de las ciencias de la vida (en una comprensión más amplia) y el de las ciencias humanas (en primer lugar, la filosofía moral), y la indicación de la complejidad del nuevo campo del conocimiento, gracias a una transformación permanente y a la incorporación de nuevos territorios, como los de las relaciones de los seres humanos con los animales y el medio ambiente, pero también la representada por los interfaces entre el uso y el abuso de las nuevas tecnologías, y las nuevas formas de moralidad en el mundo contemporáneo.

PALABRAS-LLAVE: Bioética - história. Ética. Moral.

* Doutor em Saúde Pública com Pós-Doutorado em Bioética. Pesquisador Titular de Ética Aplicada e Bioética da Escola Nacional de Saúde Pública, ENSP/FIOCRUZ. Consultor de bioética do Instituto Nacional do Câncer, INCA. E-mail: roland@ensp.fiocruz.br

Revista BIOETHIKOS - Centro Universitário São Camilo - 2011;5(3):302-308

INTRODUÇÃO

A ideia defendida neste artigo foi que a intuição interdisciplinar inicial de Van Rensselaer Potter (1911-2001) mostrou-se, ao longo dessas quatro décadas de existência da bioética, essencialmente correta, pois antecipara uma série de conteúdos que se tornaram, nas décadas seguintes, centrais para a bioética como a entendemos hoje e que o autor indicará, posteriormente, como o campo complexo da "bioética global"[1]. De fato, o autor propôs, inicialmente, o neologismo *bioethics* com o sentido muito geral e indefinido de "ciência da sobrevivência"[2] em sentido ecológico, resultante da conjunção entre os significados dos termos gregos *bíos* e *ethos*, e partindo da necessidade – tanto do ponto de vista do método como daquele dos conteúdos – de ultrapassar os tradicionais saberes especializados para estabelecer uma "ponte" entre o universo dos "fatos científicos" (ou tecnocientíficos e biotecnocientíficos, como deveríamos dizer com mais propriedade hoje) e aquele dos "valores éticos"[3]. Em suma, para Potter, a bioética deveria ser o produto de uma nova aliança entre o saber científico e a sabedoria moral, dois campos mantidos, até então, rigorosamente separados, e isso no respeito estrito da *lei de Hume*[4], que separava "fatos" e "valores", isto é, enunciados meramente descritivos e enunciados normativos.

Mas, desde as intuições iniciais de Potter, as tentativas de definir a bioética se tornaram "um empreendimento arriscado", pois "seu aparecimento recente, a sua localização intersticial mais ou menos acentuada e os desafios ideológicos que veicula conferem-lhe uma identidade instável e controversa", devendo-se inferir que a bioética não é "nem uma disciplina, nem uma ciência, nem uma ética novas", pois

> a sua prática e o seu discurso situam-se na intersecção de várias tecnociências (principalmente a medicina e a biologia, com suas múltiplas especializações), das ciências humanas (sociologia, psicologia, ciência política, psicanálise, etc.) e de disciplinas que não são exatamente ciências: em primeiro lugar a Ética e o Direito e, de alguma maneira geral, a Filosofia e a Teologia (p. 109-10)[5].

Entretanto, a complexificação inevitável do campo desde os anos 1970 e a multiplicação das dúvidas sobre sua identidade como saber (capaz em princípio de descrever e entender a conflituosidade moral implicada em nossas ações que envolvam terceiros) e saber-fazer (que pretende resolver tal conflituosidade do ponto de vista normativo) não se deram contra a intuição e as indicações iniciais de Potter, como tentaremos mostrar a seguir.

A "ATUALIDADE" DE POTTER

Potter era um bioquímico engajado na luta contra o câncer e, ao lidar com a complexidade do fenômeno "câncer", deu-se provavelmente conta, também, da necessidade de pensar um saber que fosse além dos saberes disciplinares envolvidos, por considerá-los insatisfatórios, propondo um saber interdisciplinar que chamou de *bioética* em um ensaio de 1970[2], no qual defendia a ideia de juntar dois tipos de saberes, que a *doxa* epistemológica Moderna tinha mantido rigorosamente separados no seu projeto de produzir saberes científicos rigorosos, comprovados ou resistentes a provas de refutação, e justificados. Em particular, Potter queria estabelecer uma relação de diálogo entre a ciência da vida e a sabedoria prática, ou seja, entre os campos do *bíos* e do *ethos*, que é de onde surgiu o neologismo bioética, atualmente incorporado nos vocabulários da filosofia, das ciências da vida e da saúde, e, em geral, das ciências humanas e sociais, inclusive em suas aplicações, como o Direito (que elabora inicialmente o conceito de biodireito, que pode ser visto como subconjunto normativo do aspecto normativo da bioética, ou não). A "ciência da sobrevivência" se tornou uma "ponte para o futuro" no livro de 1971[3] em que o autor especifica que a "ponte" seria de fato uma metáfora do "diálogo" entre Ciência e Ética, e cujas condições de possibilidade seriam dadas por uma forma de saber consciente de seus limites e também de suas responsabilidades. Portanto, tal ciência deveria ser suficientemente humilde para *saber de não saber* quais seriam os efeitos em longo prazo das implicações práticasde suas descobertas por um lado, e deveria estar disposta a submeter as escalas de valores vigentes, e o conjunto de suas tematizações (como diria Furnari), "à prova de compatibilidade com a sobrevivência da espécie" (p. 8858)[6], por outro, mas sabendo que este saber-fazer implicaria, também, uma mudança de comportamento tanto individual como coletivo, da qual dependeria a sobrevivência da espécie humana, das outras espécies e dos ecossistemas, o que será retomado e retematizado em sua obra *Global Bioethics*, de 1988.

Revista BIOETHIKOS - Centro Universitário São Camilo - 2011;5(3):302-308

Dito de forma geral e abrangente, Potter parece atual se considerarmos que sua visão abriu caminhos para os debates bioéticos sobre a moralidade das políticas e biopolíticas de saúde; da incorporação de Ciência e Tecnologia nos mais variados âmbitos da biomedicina e da biotecnociência que afetam (ou podem afetar) a qualidade de vida individual e coletiva, presente e futura; do tipo de desenvolvimento e de políticas ambientais sustentáveis e autossustentáveis; da abordagem equitativa e justa das diferenças e desigualdades; da gestão e regulação regional, nacional e internacional, dos riscos em um mundo cada vez mais "globalizado"; das incertezas de vários tipos e relativas a uma civilização multicultural e complexa, dentre outras. Por isso não parece incorreto afirmar que Potter, com sua visão "global", antecipou o inquieto e "obscuro" *Zeitgeist* da bioética atual.

Dois indícios (que consideramos inter-relacionados) parecem mostrar isso: (a) a vinculação cada vez mais estreita, estabelecida nos últimos anos, entre bioética e biopolítica no âmbito da assim chamada Globalização[7]; e (b) o implícito questionamento (indicado pelo uso da metáfora da "ponte") da pertinência e legitimidade da *lei de Hume*, que interdita derivar logicamente valores (o que *deve* ser feito) a partir de fatos (o que *é*)[4], e da consequente *falácia naturalista*, que procura definir a ética em termos naturalistas[8]. Ou seja, o questionamento da lei de Hume parece pertinente quando deixamos o campo restrito da metaética e entramos no campo das Éticas Aplicadas, onde "os 'enunciados de fatos' são capazes de ser 'objetivamente verdadeiros' assim como 'objetivamente garantidos'" (p.13)[9] e onde se estabelecem vínculos cada vez mais estreitos, entre bioética e biopolítica.

De fato, parece que o próprio Potter já tinha percebido isso quando – no começo dos anos 1970 e sem utilizar o termo biopolítica – reconhecia uma "política bioética" ao afirmar que "num futuro em longo prazo, teremos de inventar e desenvolver uma política bioética" (p. 119)[10]. Em realidade, a expressão "política bioética" não é sinônima de biopolítica, pois a própria bioética pode entrar em conflito com a biopolítica, mas nada impede que tal expressão possa ser interpretada como a antecipação de uma suposta subsunção da bioética à biopolítica, isto é, uma "substituição [da] ética aplicada [pela] biopolítica" (p. 160)[11]. Entretanto, em nosso entender – e respeitando a preocupação interdisciplinar de Potter – uma "política bioética" pode ser entendida também como uma inter-relação dinâmica e complexa entre bioética e biopolítica, podendo-se até entender a bioética como uma forma de resistência à biopolítica[12].

AS PROVÁVEIS INTENÇÕES DE POTTER

Antes de se tornar uma "palavra-chave de nosso vocabulário" normativo, indicando a "integração global entre biologia e valores", e considerada necessária (embora não suficiente) para dar conta do fato de que "nossos sistemas de saúde são médica e moralmente não saudáveis"[13], ou seja, que eles estão permanentemente em crise – inclusive por falta de "limites"[14] –, o sentido do neologismo bioética (como o entendemos prevalentemente hoje) foi delineado por Van Rensselaer Potter.

Embora esse termo não tenha sido criado *ipsis litteris* por Potter, pois já tinha sido utilizado em alemão por Fritz Jahr em 1927[15] – mas com uma marcada conotação kantiana de imperativo moral bastante diferente da concepção "interdisciplinar" desse bioquímico engajado na luta contra o câncer –, pode-se afirmar que foi Potter que deu, inicialmente, ao termo o sentido próprio de *saber interdisciplinar*, utilizando para tal fim a metáfora da "ponte", aplicada ao saber científico e ao saber moral e para indicar a necessidade de superar – ou contornar – a separação entre fatos e valores, prevista pela *lei de Hume*, e de enfrentar pragmaticamente a proibição lógica de cometer uma *falácia naturalista*[8].

De fato, partindo de um "exercício mental" consistente em associar o comportamento humano na biosfera e a atuação das células cancerígenas no organismo – ambos considerados pertinentemente como prejudiciais ao humano –, Potter propôs, em 1970, um novo tipo de saber-fazer que estabeleceria vínculos teóricos e metodológicos entre ciências da vida e humanidades – no plano descritivo – e tendo como objetivo prático – no plano normativo – a "sobrevivência" humana na *ecosfera*.

Mas, para o cientista (e pastor presbiteriano) Potter – que prezava o progresso científico e técnico –, a ciência era um conjunto complexo que – de acordo com a interpretação de Gilbert Hottois – ele considerava como sendo "menos interpretação que intervenção, operação, produção e criação", isto é, um dispositivo cuja "capacidade de objetivação e de operação" não diz respeito somente à natureza, mas também ao "homem – do indivíduo à espécie", fato que deveria ser assumido pela nova forma de

Revista BIOETHIKOS - Centro Universitário São Camilo - 2011;5(3):302-308

"sabedoria", resultante da "tomada de consciência [das] novas realidades" do saber-fazer representado pela atividade científica (p. 9-10)[5].

Como afirmou o próprio Potter:

> A bioética, como a entendo, esforçar-se-ia de engendrar uma sabedoria, um saber relativo à maneira de utilizar o saber em prol do bem social, baseada num conhecimento realista da natureza biológica do homem e do mundo biológico (p. 152)[2].

Para chegar à conclusão da necessidade de uma forma de saber interdisciplinar, Potter tinha percebido – já nos anos 1960 – que precisava ir além dos saberes especializados produzidos pela Modernidade, criando – para tentar realizar isso – o neologismo *bioethics* em 1970, resultante da junção entre a ciência da vida (indicada pelo termo grego *bíos*) e a ética (de *ethos*), entendida como "sabedoria".

No ano seguinte, o autor publicou o livro *Bioethics. Bridge to the future*[3], em que propunha adotar explicitamente o conceito de bioética entendida como *ciência da sobrevivência*, resultante do diálogo entre ética e ciência, e tendo como objetivo a qualidade de vida, sendo que – neste novo campo "interdisciplinar" – a ética teria o papel de submeter os valores vigentes à prova da compatibilidade com o objetivo da sobrevivência da espécie humana, sendo que a ciência deveria ter suficiente humildade e responsabilidade, mas sabendo que o principal perigo não estaria tanto no próprio saber, mas sim na ignorância acerca dos efeitos em longo prazo resultantes da aplicação de suas "descobertas". Assim sendo, a mensagem do cientista Potter parecia clara: partindo das interações entre homem e ambiente, o presbiteriano Potter se tornara o mensageiro de uma responsabilização individual (como a redução dos consumos e a mudança de hábitos) e coletiva (como a proteção das outras espécies e do ambiente).

O debate iniciado por Potter ficará – poderíamos dizer – "recalcado" durante quase duas décadas, devido, sobretudo, a outras orientações emergentes em bioética, a começar pelo modelo principialista norte-americano (essencialmente focado na problemática das relações entre médico e paciente ou das inter-relações individuais). Nesse sentido – de acordo com o bioeticista Sandro Spinsanti –, "a bioética que se desenvolveu nestas duas décadas não [teria] nada a ver com o programa traçado pelo pioneiro" (p. 208)[16].

Mas essa concepção voltará a fazer falar de si com a publicação do livro de 1988, *Global Bioethics*[1], em que Potter repensara as questões da ética clínica (sobre as quais a bioética norte americana tinha se desenvolvido) no contexto amplo da relação entre saúde humana e tutela dos ecossistemas.

De fato, Potter considerava que a espécie humana, ao desenvolver, de maneira cada vez mais intensa, uma civilização tecnocientífica aplicada ao inteiro Planeta Terra e a todas as suas partes e seres, ter-se-ia tornado um verdadeiro "câncer" para a natureza (o autor utiliza sintomaticamente esta metáfora); uma ameaça para a qualidade de vida na biosfera e – consequentemente – para a própria sobrevivência da espécie humana. Considerava, também, que o instinto moral tradicional do *homo sapiens* não fosse mais suficiente para enfrentar corretamente os novos perigos criados pelas novas formas assumidas pela práxis humana na idade daquela que chamamos atualmente biotecnociência. Por fim, julgava que as ferramentas tradicionais da ética ter-se-iam reveladas insuficientes para abordar corretamente as implicações morais de tal práxis e tentar resolvê-los praticamente em médio e longo prazo.

De fato, Potter era sensível às preocupações ecológicas e às cosmovisões alternativas que marcaram fortemente a cultura ocidental dos anos 1960 e 1970, inclusive à cultura moral que estava se transformando.

Nesse sentido, Potter reconheceu um débito com o pensamento do norte-americano Rand Aldo Leopold, que propunha uma mudança radical da ética em sentido ecológico e que vinha abordando os problemas ambientais desde os anos 1940 em sua *ética da terra*, onde o autor distinguia o desenvolvimento moral em três estágios sucessivos: 1) o da regulação das relações entre indivíduos; 2) o estágio das relações entre indivíduos e sociedade e 3) o estágio das relações entre o homem e a biosfera[17].

Com relação à preocupação com o futuro da humanidade, Potter reconhecia também seu débito com as ciências humanas, em particular com a antropóloga Margareth Mead, que publicou um artigo na revista *Science* em 1957, em que propunha a criação de cadeiras de ensino universitário sobre o futuro[18]. Sensível ao projeto da antropóloga, Potter, depois de ler o artigo anos mais tarde, publicou na mesma revista, em 1970, um artigo sobre a "dupla" responsabilidade dos universitários: não somente a responsabilidade para com a tradicional vocação na procura e na transmissão do conhecimento "verdadeiro" – de fato uma preocupação epistemológica legítima –, mas

Revista BIOETHIKOS - Centro Universitário São Camilo - 2011;5(3):302-308

também a responsabilidade com a sobrevivência da espécie humana e a qualidade de vida futura[19].

Tais questões serão retomadas por Potter duas décadas mais tarde, quando formulará explicitamente a teoria da *bioética global*, sublinhando a necessidade de uma "moral evolutiva", que fosse ao mesmo tempo "humilde", "responsável" e "competente"; ou seja,

> diretamente voltada para a sobrevivência, em longo prazo, da espécie humana; (...) à proteção da dignidade humana; (...) ao controle da fertilidade; à preservação e ao restabelecimento de um ambiente saudável (p. 91)[20].

Em particular, para Potter, esta "moral evolutiva" deveria propiciar ao humano a capacidade de enfrentar o assim chamado *fatal flaw*, presente na evolução; isto é, a lei evolutiva segundo a qual a seleção natural só favoreceria o que fosse imediatamente útil para os indivíduos altamente especializados e perfeitamente adaptados a seu meio; mas que poderia ser "fatal", em longo prazo, para uma determinada espécie (em particular a espécie humana), constituindo, portanto, uma desvantagem, ou "fatalidade", para esta. Por isso – concluía Potter –, o meio cultural deveria ser capaz de balancear adequadamente, por um lado, os apetites, de curto prazo, do indivíduo e, por outro lado, as necessidades, de longo prazo, da espécie, e isso a fim de poder vislumbrar "uma sobrevivência aceitável, em contraste com a mera sobrevivência, ou uma sobrevivência miserável" (p. 98)[20]. Em suma, e contrariamente às outras espécies, para os humanos o desfecho da evolução poderia ser, em princípio, diferente, desde que soubessem opor-se ao 'fluxo fatal' com os meios culturais e tecnocientíficos disponíveis, e desde que desejassem, coletivamente, a sobrevivência.

Como o autor esclareceu em uma entrevista – concedida em 1994 a Sandro Spinsanti – esta "procura da verdade orientada para o futuro" implicaria tanto uma postura de "humildade frente ao futuro" quanto uma postura metodológica consistente em "*superar os limites disciplinares*; exercer e aceitar as críticas e desenvolver abordagens e soluções pluralistas, apoiando-se em *grupos interdisciplinares*" [grifo nosso]. Já do ponto de vista estratégico, Potter, ao propor a bioética como um novo paradigma ao "serviço da sobrevivência", queria, em primeiro lugar, superar a contraposição entre ciência e ética, combinando "o conhecimento biológico com os valores humanos, num sistema biocibernético aberto de auto-avaliação". Por fim, do ponto de vista metodológico, a intenção de Potter não era propor mais uma síntese entre ciência e filosofia – algo improvável desde que o discurso científico tinha se "emancipado" do discurso filosófico –, mas, ao contrário, "opor-se à perspectiva que considera a ética como vindo de fora da ciência, isto é, vindo da reflexão filosófica e teológica". Com isso, Potter estigmatizava a pretensão dos cientistas de estarem "livres" de valores e considerava que a evolução moral fazia parte da própria hominização e, como tal, constituiria um objeto legítimo da investigação científica. Em outros termos, para Potter, a *ponte* entre ciência e filosofia não implicaria subordinar a filosofia à ciência, nem subordinar esta àquela, mas vincular valores humanos e conhecimentos científicos em um autêntico *diálogo interdisciplinar*, em particular, um diálogo entre os saberes da biologia e da ecologia, referentes ao real, por um lado, e da moral e da ética, por outro, pois "uma sobrevivência que salve a qualidade [da vida] só é possível se os sistemas éticos são compatíveis com o mundo real". Em suma, o novo paradigma da bioética pretendia "relacionar nossa natureza biológica e o conhecimento realista do mundo biológico com a formulação de políticas finalizadas à promoção do bem-estar social" (p. 236-40)[21].

Mas Potter participava também dos vários debates acadêmicos sobre a utilização de novas ferramentas conceituais e metodológicas para abordar os problemas complexos da biologia, da saúde e da própria civilização. Isso lhe permitiu vislumbrar uma "abordagem cibernética em vista de uma nova sabedoria do humano", a qual deveria permitir integrar e pensar três tipos de questões: 1) os problemas médicos relativos à biologia humana; 2) os problemas de saúde resultantes da degradação do meio ambiente e do *habitat* das outras espécies; 3) os problemas morais decorrentes da competência humana em acompanhar a transformação da qualidade de vida humana neste novo contexto biotecnocientífico (p. 2297)[22].

CONSIDERAÇÕES FINAIS: A ATUALIDADE DA POSTURA DE POTTER

Os questionamentos atuais sobre a biopolítica e seus problemas relacionados com as políticas de saúde e do meio ambiente, de gestão e de regulação social de tais problemas, considerados no contexto dos avanços da biotecnociência e, em particular, da biomedicina, foram em

Revista BIOETHIKOS - Centro Universitário São Camilo - 2011;5(3):302-308

parte indicados pela reflexão de Potter, como tentamos mostrar. Mas tais problemas estavam – por assim dizer – "no ar" quando Potter concebia a bioética como uma forma de *saber* que fosse também uma *sabedoria* capaz de assumir a tríplice responsabilidade de:

(a) garantir a sobrevivência da espécie humana e de ser capaz de integrar os conhecimentos da biologia humana (amplamente entendida);

(b) ter a competência para criar e acompanhar o desenvolvimento dos valores humanos;

(c) enfrentar a emergência dos problemas relativos ao meio ambiente e ao relacionamento correto com os outros seres vivos.

E tudo isso em prol de uma qualidade de vida aceitável por todos os seres envolvidos no presente e as possíveis "gerações futuras".

Em particular, hoje, junto com o fenômeno da globalização e seus problemas de inclusão e exclusões flagrantes (da qual a "bioética global" de Potter funciona como uma espécie de metáfora antecipadora em ética), surgem reações de desconfiança perante os supostos benefícios da biotecnociência, como bem mostram os movimentos sociais antiglobalização, por um lado, e o ressurgimento de interesse nas temáticas da biopolítica, por outro.

Mas, de fato, existe atualmente uma espécie de atitude de *double bind*[3] frente à competência biotecnocientífica humana, que oscila entre os extremos da tecnofobia frente a possíveis cenários apocalípticos de servidão e escravidão do humano que a biotecnociência, aliada à biopolítica e ao biopoder, tornaria possíveis, e uma tecnofilia beata que a considera isenta de riscos e perigos[24].

A correta articulação entre globalização, ecologia, bioética e biopolítica, antecipada pela proposta interdisciplinar de uma bioética global, formulada inicialmente por Potter, pode ser a condição de possibilidade (e talvez condição necessária) para poder enfrentar, de maneira razoável e responsável, as promessas (positivas) e as profecias (negativas) que povoam o imaginário tanto do senso comum como das várias formas de saberes especializados, os quais se dão conta dos limites de cada saber e da utilidade de um diálogo interdisciplinar capaz de respeitar as diferenças e qualquer interesse razoável e moralmente legítimo, fugindo, portanto, daquela "moderna alienação do mundo" consistente na "dupla fuga da Terra para o universo e do mundo para o eu" (p. 14)[25] e que coloniza o imaginário contemporâneo sem que saibamos aonde isso pode levar.

REFERÊNCIAS

1. Potter VR. Global Bioethics: Building on the Leopold Legacy. East Lansing (MI): Michigan State University Press; 1988.
2. Potter VR. Bioethics, the Science of Survival. Perspectives Biol Med. 1970;14(1):127-53.
3. Potter VR. Bioethics: bridge to the future. Englewood Cliffs (NJ): Prentice Hall; 1971.
4. Hume D. Tratado da natureza humana. São Paulo: UNESP; 2001.
5. Hottois G. Qu´est-ce que la bioéthique? Paris: Vrin; 2004.
6. Furnari MG. Potter. In: Melchiorre V, directore. Enciclopedia Filosofica. Milano: Bompiani; 2006. v. 9, p. 8858-9.
7. Schramm FR. Ética Aplicada, Bioética e Ética Ambiental, relações possíveis: o caso da Bioética Global. Cad Saúde Coletiva, 2009;17:511-30.
8. Moore GE. Principia Ethica. Lisboa: Fund. Calouste Goulbenkian; 1999.
9. Putnam H. O colapso da verdade e outros ensaios. Aparecida (SP): Idéias & Letras; 2008.
10. Muñoz E. Biopolítica. In: Hottois G, Missa J-N, organizadores. Nova Enciclopédia da Bioética. Medicina, ambiente, biotecnologia. Lisboa: Instituto Piaget; 2003. p. 119-21.
11. Kottow M. Bioética: una disciplina en riesgo. Rev Redbioética/Unesco. 2010;1(1):158-72.
12. Schramm FR. A bioética como forma de resistência à biopolítica e ao biopoder. Rev Bioética. 2010;18(3):519-35.
13. Whitehouse PJ. The Rebirth of Bioethics: extending the original formulation of Van Rensselaer Potter. Am J Bioethics. 2003;3(4):W26-W31.
14. Callahan D. Setting Limits. Medical Goals in an Aging Society. Washington: Georgetown UP; 1995.
15. Jahr F. Bioethik: eine Übersicht der Ethik und der Beziehung des Menschen mit Tieren und Pflanzen. Kosmos. 1927;24:21-32.
16. Spinsanti S. Bioetica. Biografie per una disciplina. Milano: Franco Angeli; 1995.
17. Leopold A. A Sand County Almanach and Sketches Here and There. New York: Oxford University Press; 1949.
18. Mead M. Toward more vivid utopias. Science. 1957;126(3280):957-61.

Revista BIOETHIKOS - Centro Universitário São Camilo - 2011;5(3):302-308

19. Potter VR, et al. Purpose and function of the University. Science. 1970;167:1590-3.
20. Potter VR, et al. Getting to the Year 3000: can Global Bioethics overcome Evolution's Fatal Flaw? Perspectives Biol Med. 1990;34(1):89-98.
21. Spinsanti S. Incontro com Van R. Potter. L'Arco di Giano. Riv Medical Humanities. 1994;4:233-44.
22. Potter VR. Humility with Responsibility – a Bioethics for Oncologists: presidential address. Cancer Research. 1975;35(9):2297-306.
23. Bateson G. Steps to an Ecology of Mind. Scranton (PA): Chandler; 1972.
24. Schramm FR. Existem boas razões para se temer a biotecnociência? Rev Bioethikos. 2010;4:189-97.
25. Arendt H. A condição humana. 7a ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária; 1995.

Recebido em: 8 de junho de 2011.
Aprovado em: 20 de julho de 2011.